



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS  
CURSO BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO**



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O OURO E O TOLO:**

**Reflexões sobre a atividade de Garimpo em Antônio Pereira - MG**

**Girressi Lúcio da Silva**

**Mariana**

**2018**

**Girressi Lúcio da Silva**

**O OURO E O TOLO:**

**Reflexões sobre a atividade de Garimpo em Antônio Pereira - MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão - Universidade Federal de Ouro Preto.

**Mariana**

**2018**

S586o Silva, Girressi Lúcio.  
O ouro e o tolo [manuscrito]: Reflexões sobre a atividade de Garimpo em Antônio Pereira - MG / Girressi Lúcio Silva. - 2018.

44f.: il.: color; tabs.

Orientadora: Profª. MScª. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais.

1. Garimpo - Antônio Pereira - Teses. 2. Trabalho informal - Antônio Pereira - Teses. I. Maranhão, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 504(815.1)

Catálogo: ficha@sisbin.ufop.br

## FICHA DE APROVAÇÃO

**GIRRESSI LÚCIO DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientadora: Profa. DSc. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão

### COMISSÃO EXAMINADORA



---

Professora DSc. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão  
Orientadora e Presidente da Banca



---

Professora DSc. Deborah Kelly Nascimento Pessoa  
Membro Avaliador



---

Professora DSc. Simone Aparecida Sáfios Rocha  
Membro Avaliador

Mariana, 17 de julho de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Elevo meus agradecimentos a Deus que me encorajou e me fortaleceu na conclusão dessa graduação. A minha mãezinha Senhora da Lapa que intercedeu iluminando meus pensamentos e ao Espírito Santo que me concedeu inteligência para redigir esse trabalho.

Agradecimento em especial a minha querida avó Jacira, que nunca mediu esforços para me fornecer uma educação de qualidade, e a realização desse sonho só foi possível através de sua luta e empenho.

Agradeço a minha família que me encoraja e me apoia, incluindo minha mãe Andréia, que mesmo morando longe, almejou minhas vitórias.

A meus irmãos que sempre estiveram do meu lado, sempre torcendo e aplaudindo minhas conquistas.

A todos da casa da Adriana (família Santos) que foram minha segunda família, que estão sempre de portas abertas a me receber e acolher com carinho.

Aos meus amigos de caminhada os “*crazy forever*”, eternos meninos da banda que me proporcionaram momentos de distração.

Em destaque, agradeço aos que contribuíram pela minha formação, a UFOP - campus ICESA, minha orientadora Carolina por ter abraçado minha escolha e contribuir para o enriquecimento deste trabalho. Aos meus amigos de faculdade em especial: Marluce, Marcella e Miria que me proporcionou grandes alegrias.

Enfim quero compartilhar essa alegria a todos que ao meu lado me encorajou para a conquista dessa vitória!

*“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível” (São Francisco de Assis).*

## RESUMO

O garimpo de ouro em Antônio Pereira – MG, sempre foi uma prática realizada de forma rara e isolada por um pequeno grupo, devido à atividade não ser regulamentada. Porém devido à queda da Barragem de rejeitos de uma das mineradoras, em que provocou demissões em massa, altos índices de desemprego na região foram se firmando, e a atividade garimpeira foi se intensificando. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi identificar traços organizacionais na atividade garimpeira, bem como de elementos estudados na administração, tais como: subcontratação, relação de poder, conflitos interpessoais, dentre outros, sendo possível então a percepção das características próprias de sua cultura organizacional, bem como de alguns atributos adquirido das empresas convencionais, em especialmente a das mineradoras, por ter uma relação muito próxima com a comunidade. Para fins de esclarecimentos, os aspectos metodológicos no que se refere a esta pesquisa é qualitativa do tipo exploratória, em que apropriou-se de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi feita a partir da análise de conteúdo. No que tange a amostra, as entrevistas foram realizadas com nove garimpeiros, sendo na visão destes, o garimpo a única opção possível diante à realidade para o trabalho. Muitos são os desafios elencados pelos entrevistados, mostrando o quão árduo e sofrido é a atividade garimpeira. Os resultados desta pesquisa apontam para uma maior conscientização para a normalização da atividade e o combate ao trabalho infantil, bem como a formação de lideranças para a busca de soluções para a causa e para a comunidade.

**Palavras-chave:** Garimpo. Atividade informal. Organizações não convencionais. Antônio Pereira

## **ABSTRACT**

The gold mining in Antônio Pereira - MG, was always a practice performed in a rare and isolated way by a small group, due to the activity not being regulated. However, due to the fall of the tailings dam of one of the miners, which caused massive layoffs, high unemployment rates in the region were firming up, and the mining activity intensified. Thus, the objective of this work was to identify organizational traits in mining activity, as well as elements studied in the administration, such as: subcontracting, power relations, interpersonal conflicts, among others, being possible then the perception of the characteristics of its organizational culture , as well as some attributes acquired from conventional companies, especially from mining companies, because they have a very close relationship with the community. For purposes of clarification, the methodological aspects regarding this research are qualitative of the exploratory type, in which it appropriated semi-structured interviews. The analysis of the data was made from the content analysis. As far as the sample was concerned, the interviews were carried out with nine prospectors, and in their view, the prospect was the only possible option facing reality for work. Many are the challenges listed by the interviewees, showing how hard and suffering the mining activity is. The results of this research point to a greater awareness for the normalization of activity and the fight against child labor, as well as the formation of leaderships to find solutions for the cause and for the community.

**Keywords:** Mining. Informal activity. Unconventional organizations. Antônio Pereira



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBGME – Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos

OXFAM – *Oxford Committe for Famine Relief*

SEMAD - Secretaria de Meio-Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

## LISTA DE FIGURAS

Figura 2: <b>Imagem do garimpo próximo às residências em Antônio Pereira</b> .....	17
Figura 3: <b>Imagem de uma <i>Bica</i> no garimpo</b> .....	20
Figura 4: <b>Imagem de um <i>Caixote</i> no garimpo</b> .....	20
Figura 5: <b>Armazenamento individual de ferramentas</b> .....	22
Figura 6: <b>Um dos locais de perfuração para a retirada de <i>material</i> para o garimpo</b> .....	25
Figura 7: <b>Imagem de um carrinho de mão e bateia no garimpo</b> .....	25
Figura 8: <b>Imagem de uma <i>Barragem</i> no garimpo</b> .....	26

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Distribuição das entrevistas no garimpo de Antônio Pereira.....	12
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>3</b>
2.1 Capitalismo e Marginalização do Garimpo .....	3
2.2 Trabalho Informal e Clandestinidade no Garimpo .....	6
2.3 Organizações Não-convencionais .....	8
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>10</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>13</b>
4.1 Conflitos Sociais .....	14
4.2 Trabalho Ilegal .....	18
4.3 Características Organizacionais .....	21
4.3.1 Estrutura organizacional.....	21
4.3.2 Conflitos Interpessoais .....	22
4.3.3 Subcontratação e relação de poder .....	23
4.3.4 Comercialização .....	24
4.3.4 Perfil profissional .....	24
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro do Caderno de Campo .....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O garimpo é um modo muito antigo de extração mineral. Provavelmente remonta ao século XV por meio do avanço dos europeus sobre terras desconhecidas como aconteceu no continente americano. No Brasil a atividade garimpeira só teve início a partir do século XVIII, especialmente devido às descobertas de diamantes e ouro em Minas Gerais (MIRANDA, 1997).

O período entre 1733 e 1748 correspondeu ao apogeu da economia do ouro em Minas Gerais. Ouro Preto, a atual cidade de Vila Rica, devida à abundância do ouro extraído era a capital mais significativa de toda a América, a pérola preciosa do Brasil. Tudo leva a crer que em 1770 ter sido o momento em que se encerrou o apogeu e começou, lentamente, a decadência, que já era algo evidente e palpável (SOUZA, 1982).

Conforme informação retirada do site do município de Ouro Preto, a decadência do ouro trouxe declínio econômico para a toda região, inclusive para Antônio Pereira que somente por volta de 1950 teve início a um novo ciclo de mineração, agora sendo o do minério de ferro que perdurou até a década de 1970, logo após esse período o distrito novamente entrou em declínio.

Ainda, de acordo com o site do município, têm-se a informação de que em 1984 foi descoberto que Antônio Pereira está assentado em grandes jazidas de minério. Três grandes empresas, da área da mineração instalaram-se no local, sendo elas Samarco, Samitri e Companhia Vale do Rio Doce. Em paralelo os trabalhos ofertados nas mineradoras, foi afirmado em entrevistas realizadas que a prática do garimpo sempre perdurou no distrito, porém de forma rara e isolada por ser uma atividade não regulamentada no local. Contudo, a partir do dia 05 de novembro de 2015, data esta que houve a queda da barragem com uma das empresas mineradoras que atingiu o distrito vizinho, Bento Rodrigues, este pertencente ao município de Mariana, houve gradativamente o aumento do desemprego, devida à notificação da SEMAD de Minas Gerais, suspendendo as licenças da barragem da empresa, paralisando imediatamente as atividades nas usinas pela mineradora.

Diante do cenário de escassez de trabalho acentuado pela dependência da região com as mineradoras, muitas pessoas em Antônio Pereira encontraram na prática do garimpo uma atividade econômica, e gradativamente essa atividade caracterizada como informal, foi se

consolidando e tomando grandes proporções, sem nenhum tipo de interferência pública para regulamentação, permitindo aos garimpeiros a remodelar e administrar o local conforme seus próprios interesses.

Conforme dados do IBGM a cadeia produtiva do ouro agrega um alto valor para a indústria brasileira, sendo o ouro o mais importante insumo para a indústria de folheados e joalheira. Diante desse fato, quem seria o tolo conforme mencionado no título do trabalho? Os garimpeiros de Antônio Pereira ou os consumidores finais por não importarem com a procedência do ouro em suas joias?

A atividade garimpeira como qualquer outra forma de trabalho possui sua relevância acadêmica, pois evidencia traços únicos e/ou semelhantes aos percebíveis das organizações convencionais. Portanto, muitas vertentes são possíveis de serem analisadas no garimpo, tais como: as relações de trabalho, os conflitos interpessoais, relações de poder, subcontratação, dentre outras.

Com isso foi estabelecida a seguinte questão problema: “Como se estrutura, em termos organizacionais, a atividade de garimpo na região de Antônio Pereira?”. Os termos organizacionais são vocábulos característicos dos fenômenos, situações ou indivíduos que acontecem dentro ou em relação a uma determinada organização (MATITZ; VIZEU, 2012), sendo assim, nesse trabalho analisaram-se os padrões intrínsecos das organizações ditas como convencionais na atividade garimpeira, está considerada como uma sociedade informal, ou ainda, uma organização não convencional.

A comunidade de Antônio Pereira foi escolhida enquanto objeto de pesquisa porque não há estudos, das mais variadas temáticas, que contemplem os seus aspectos sociais. Aspectos estes que são muito relevantes ao se tratar do estilo de vida populacional. Apesar de estar assentado sobre as empresas mineradoras, os royalties da mineração vão para o município de Ouro Preto. É notório que poucos investimentos são retornados ao distrito. O vilarejo também sofre ao longo de anos com a extensa degradação ambiental pela extração do topázio imperial, que é outro mineral encontrado na localidade.

Diante disso, Antônio Pereira traz continuamente a cada declínio socioeconômico marcas e danos oriundos da extração mineral, oras empresas ou pela própria comunidade. Portanto, o garimpo é algo relevante a ser estudado para essa localidade em específico, pois a atividade acarreta inúmeros riscos, como por exemplo: o risco a saúde, devida a precariedade

das condições de trabalho e a exposição a agentes nocivos, sendo essas questões bem mais regulamentadas nas organizações convencionais.

Portanto, muitas semelhanças são encontradas entre atividade garimpeira e das empresas mineradoras, ou seja, do trabalho informal e o formal, tendo esse por último apresentando algumas garantias para o trabalhador. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi identificar traços organizacionais na atividade garimpeira, bem como de elementos estudados na administração, tais como: subcontratação, relação de poder, conflitos interpessoais, dentre outros, sendo possível então a percepção das características próprias de sua cultura organizacional, bem como de alguns atributos adquiridos das empresas convencionais, em especialidade a das mineradoras, por ter uma relação muito próxima com a comunidade.

Para viabilizar metodologicamente este trabalho, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo exploratória, na qual os dados foram coletados por meio de nove entrevistas semiestruturadas, do caderno de campo e da análise dos dados a partir da análise de conteúdo e análise de narrativas.

No que se refere à organização, este trabalho foi estruturado em cinco seções principais. A primeira seção consta a introdução, com conceitos chave, questão problema, objetivos e justificativa do trabalho. Na segunda seção é apresentada a fundamentação teórica, sendo dividida em: O Capitalismo e Marginalização do garimpo, Trabalho informal e Clandestinidade no Garimpo e Organizações não convencionais. Na terceira seção são apresentados os detalhamentos sobre a metodologia da pesquisa, e por fim a análise de dados e considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Capitalismo e Marginalização do Garimpo**

O garimpo pode ser considerado como uma modalidade marginal à mineração, considerada pela sociedade como símbolo de desorganização, violência, insegurança, insalubridade, problemas sociais, degradação ambiental e a total falta de técnica para a exploração dos bens minerais (IBRAM, 1992).

O termo garimpeiro surge na região das minas em inícios do século XVIII, intitulado pejorativamente para rotular a mineração de pequeno porte, sendo então caracterizada como uma modalidade desrespeitosa à legislação da coroa portuguesa, pois a

atividade mineradora por esse grupo era realizada em localidades de difícil acesso entre as serras, dificultando o controle pela corte do império (COSTA, 2007).

Já o capitalismo antecedeu e possibilitou de mecanismos e filosofia para todas e quaisquer práticas organizacionais que possam existir atualmente, inclusive para atividade garimpeira. Conforme Meyer (1981) as condições históricas para a criação do capitalismo foi um processo gradual da civilização humana, floresceu no interior da Europa, mas especificamente na Itália a partir do século XV e depois expandiu para as demais localidades mundiais. A concepção do capitalismo foi italiana, mas seu desenvolvimento apoderou-se quando estabeleceu uma forte necessidade de comercialização no norte da Europa, no que culminou numa dita superioridade através da transição entre as denominações de cidades-estados para a de estados organizados dotados de racionalidades do século XVII europeu.

O capitalismo moderno despontou no século XVI na Europa ocidental, quando houve a percepção que para o maior acúmulo do dinheiro, ou seja, enriquecimento, era necessário investimento. O que caracterizou o capitalismo moderno não foi à busca de lucro em geral, mas sim da acumulação de capital. A mudança para o modo de produção capitalista foi artefato de transformações econômicas que promoveram mudanças ideológicas, sendo uma nova fase histórica da formação da vida social (WEBER, 1976).

É notório que o capitalismo obteve indicadores econômicos surpreendentes, revolucionando por completo a sociedade, economia e a cultura, e ditando também uma desigualdade econômica rapidamente crescente entre as diversas regiões do planeta e classes sociais, desigualdade esta amparada na teoria mercadológica da “livre concorrência”, em que os mais afortunados conseguem monopolizar determinados mercados, impedindo o ingresso de novos entrantes hipossuficientes. As mudanças econômicas e sociais imposta pela emergência do capital foram progressivas e rápidas, alterando irremediavelmente a existência humana (COGGIOLA, 2015).

O sistema capitalista implicou de forma genérica a desigualdade social em diversas regiões do mundo e segundo um estudo da organização OXFAM, com o título “A distância que nos une” pontua que as desigualdades extremas existem no mundo todo e que no Brasil não é exceção. Afirma que no mundo, oito pessoas detêm o mesmo patrimônio que a metade mais pobre da população e ao mesmo tempo, mais de 700 milhões de pessoas vivem com menos de US\$ 1,90 por dia. No Brasil não é diferente, até pior, em que apenas seis



peessoas possuem riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões de brasileiros mais pobres (GEORGES, 2017).

Outra implicação capitalista, porém de forma singular, foi a marginalização social dos grupos de garimpeiros devido à inserção do capitalismo industrial na mineração, marginalização em grande parte amparada pela visão de subalternidade tecnológica da mineração não capitalista, desenhava a imagem negativa da mineração colonial que ainda hoje se mantém no consenso relacionado ao garimpo (RIBEIRO, 2013).

Segundo Lijterman (2017) a marginalização em um todo na América latina deu-se devido aos efeitos do sistema capitalista, causando uma heterogeneidade social, que apesar do magnífico progresso tecnológico e das ondas sucessivas de modernização, a inovação tornou-se algo essencial e contemporâneo. Portanto as atividades, empresas e ou pessoas que não acompanharam as mudanças desse novo cenário imposto, foram excluídas da sociedade, pois a nova valorização firmava-se nos setores que possuíam a maior capacidade técnica e que lucravam com a maior concentração do capital, nos mercados altamente competitivos e na busca de trabalhadores com maiores qualificações.

Souza (1982) revela que as práticas capitalistas monopolistas produziam tratamentos excludentes entre os envolvidos da sociedade mineradora como, de resto, nas outras partes da colônia brasileira, eram privilegiados os elementos que tivessem maior número de escravos. Mais da metade das lavras de Ouro e de pedras preciosas estavam concentrados em sua maioria ao controle dos maiores proprietários de escravos negros, até mesmo o critério de concessão da terra para o garimpo registrava-se na perspectiva da quantidade de escravos possuídos, sendo assim as maiores extensões de terras iam para os maiores detentores.

Durante o período colonial (1500-1822) as riquezas minerais pertenciam ao rei, à Coroa, que lucrava renda de sua exploração por meio de cobrança de um imposto “o quinto ou o dízimo” aos garimpeiros. Já durante a primeira fase republicana (1891 a 1934), as jazidas e minas pertenciam ao proprietário do solo. Durante o período em que prevaleceu a Constituição de 1891, a concentração das riquezas do subsolo ficava ao exclusivo juízo do possuinte do solo, ou fazia ele próprio diretamente, ou por terceiros, mas com sua permissão indiretamente sobre o aproveitamento de tais riquezas (SARMENTO, 1976).

Referindo especificamente ao garimpo, a legislação brasileira e a ação do governo, ao fazer a abertura para a entrada de empresas estrangeiras de mineração, fez com que os garimpeiros fossem excluídos socialmente de forma duradoura. Todavia, isso não

impediu a relação modesta, às vezes até cordeais, entre os garimpeiros e as empresas legalizadas. Nem da diminuição da valia na produção do ouro e de demais pedras preciosas (MARTINS, 2008).

Costa (2007) complementa que com as definições geradas pela Carta Régia de 12 de agosto de 1817, esta que foi promulgado em Minas Gerais para a criação de companhias de mineração, tendo como justifica que na capitania os trabalhos das minas de ouro estavam em decadência, sendo necessária a adoção de técnicas e maquinários da Europa, iniciando assim, um novo período de exploração mineral, em que favorecia os maiores possuidores de capital, centralizando as jazidas de ouro e diamante. Todavia, ao longo de todo o século XIX a legislação brasileira promoveu ajustes jurídicos para beneficiar o desenvolvimento da mineração industrial e a aplicação do capital internacional no Brasil.

Ribeiro (2013) conclui contrapondo que a exclusão e a marginalização dos coletivos garimpeiros não foram devidas à presumida supremacia econômica e tecnológica das indústrias mineradoras capitalistas, muito menos dos projetos de implantação econômicos em que os coletivos tradicionais não foram inseridos, sendo vítimas passivas do capitalismo, mas sim das desigualdades sociais estabelecidas inerentes às diversas forças e acontecimentos que estavam inevitavelmente cruzadas.

## **2.2 Trabalho Informal e Clandestinidade no Garimpo**

O trabalho informal surgiu mais acentuadamente a partir da década de 1970 com a crise da produção fordista, que culminou na dificuldade das organizações nas vendas dos seus produtos, visto que a produção nessa época era feita em grande escala. Nesse sentido viu-se necessário pensar em uma alternativa para a retomada do aumento da taxa de lucro. Com isso foram intensificadas as iniciativas de subcontratação e demissões em massa pelas grandes organizações, causando a expansão dos arranjos informais de empregos (COSTA, 2010). Segundo Oliveira (2005), o trabalho informal, foi se desenvolvendo de forma rápida entre as décadas de 1980 e 1990, provenientes da incapacidade da inserção no mercado formal pelas políticas públicas e da insuficiência do sistema capitalista de incorporar nas organizações a mão de obra existente.

Em relação a outros países, o Brasil apresenta em sua legislação direitos trabalhistas limitados e específicos, sendo, estes que foram historicamente remodelados conforme iam surgindo as necessidades das organizações, independentemente de serem

empresas nacionais ou não (LIMA; CAVALCANTE; COSTA, 2011). Desde os anos de 1990 até os dias atuais (julho de 2018) os direitos trabalhistas brasileiros não tiveram grandes avanços, tendo em 11 de novembro de 2017 alguns direitos anulados decorrente da vigência da Reforma Trabalhista, materializada pela Lei 13.467/2017, esta que trouxe uma série de vantagens para os empregadores, limitou poderes dos sindicatos e que propiciou para os trabalhadores uma maior precarização das relações de trabalho, tendenciando muitos à informalidade (QUEIROZ, 2017).

Conforme dados do IBGE na passagem dos trimestres terminados em abril e junho de 2017, mas de 1,4 milhões de brasileiros saíram da condição de desempregados, fazendo o número de trabalhadores atingirem os 90,7 milhões de pessoas. Com isso, a taxa de desemprego caiu de 13,6% para 12,8% no mesmo ano. Porém os postos de trabalhos firmados, em sua maioria, conseguidos pela informalidade.

O trabalho garimpeiro é julgado como informal devida às várias atribuições, tais como: do empreendimento em si, requerer de baixíssimo capital para seu investimento, do consenso pela não necessidade da autorização para o uso da área para exploração, das técnicas utilizadas para a atividade serem arcaicas, da não modernização por não utilizarem de máquinas para sondagem e extração, por possuir natureza artesanal ou manual, utilizando de ferramentas, tais como: bateia, carrinho de mão, enxadas e pás e etc. Outra atribuição negativa está na atividade de apuração do ouro, onde se aplica o mercúrio para tal procedimento, sendo descartado nos riachos sem nenhuma preocupação ambiental e social (COSTA, 2007).

Outro aspecto peculiar do garimpo que o caracterizou como informal, foi devida a adoção da mão de obra parental, ou seja, da inclusão do trabalho feminino e infantil junto às lavras de ouro, sendo subjugados os trabalhos por esses segmentos como ilegal e força fraca de trabalho. Essa modalidade de inclusão familiar no garimpo foi denominada como formas tradicionais de solidariedade coletiva, pois para a captação de mão de obra masculina e adulta para os acampamentos de mineração, fazia-se do acolhimento dos parentes, fortalecendo os vínculos familiares, ajudando perpetuar a prática garimpeira (RIBEIRO, 2013).

Já os garimpos clandestinos também foram desenvolvendo apropriando-se da diminuição dos postos de trabalho, do crescente subemprego e da deficiência educacional, esta que contribuiu com déficit no aprimoramento da mão de obra qualificada no país, obrigando os “desprovidos” de oportunidades de trabalho, principalmente os da zona rural a

trilharem empreitadas nas perigosas escavações com procedimentos insalubres e sem a destreza técnica (MATTA, 2006).

Logo, com a falta de proteção do governo e da ausência de alternativas para o trabalho formal, brota-se o sentimento nos garimpeiros de desafiar e infligir às leis, sendo perceptível à (RIBEIRO, 2013, p. 134) ao afirmar que:

Se a contravenção e a clandestinidade foram desde cedo imputadas à mineração tradicional pela legislação brasileira e pelos empreendimentos minerários, a desobediência e a subversão foram algumas das formas garimpeiras de agir em resposta.

Além das minas registradas, que são grandes escavações subterrâneas de forma legalizada, esta pertencente às organizações, há milhares de outras não regularizadas, especialmente garimpos de ouro, diamante e gemas diversas, bem como menores extrações clandestinas de agregados minerais, para a construção civil (VIANA, 2007). Matta (2006) complementa que das variáveis vertentes setoriais na indústria é possível que em paralelo haja atividades desse mesmo segmento, porém de forma clandestina, sendo o garimpo a dita clandestina do setor mineral.

A atividade de garimpo deve, ou deveria estar a cargo dos municípios de forma a garantir os direitos trabalhistas dos garimpeiros. A clandestinidade acontece devido à intensa burocracia dos processos de legalização, da descontinuidade de exploração, da falta de fiscalização e da complexidade de regulamentação desse tipo específico de empreendimento minerário (VIANA, 2007).

O posicionamento quanto às atividades clandestinas e em especial ao garimpo, devem ser encaradas com bastante atenção e seriedade, pois uma das finalidades de controle da ilegalidade está no fato desta, ser exclusivamente atrelada à exploração predatória dos recursos minerais, sendo absolutamente alheia pelas responsabilidades para com a fiscalização e a recuperação ambiental (MATTA, 2006).

### **2.3 Organizações Não-convencionais**

As escolas de Administração através dos estudos organizacionais contribuíram desde sua concepção à sua evolução para a normatização de modelos a serem seguidos,

classificando-os e delimitando-os, dessa forma, esses modelos tornaram-se referências para as futuras organizações a partir do ponto de vista da administração fundamentado teoricamente na reprodução do capital e na racionalidade utilitarista (VIZEU, 2010).

Uma das implicações principais da Teoria Organizacional é defendida pela racionalidade instrumental, está fundamentada pelo modelo burocrático e pela teoria comportamental (RAMOS, 1989). Portanto, seja qual for outra tipologia constituinte de organizações não padronizadas pelos modelos propostos pela Teoria Organizacional é considerada como inapropriada ou inusitada à área de Estudos Organizacionais, como por exemplo, as comunidades tradicionais (BOEHS; SEIFERT; VIZEU, 2013).

Sendo assim, a estrutura organizacional do garimpo foi marcada pela instabilidade e a incerteza, estas presentes na essência da atividade em si, por ser uma atividade do setor informal, inibindo as possibilidades de reestruturação através de investimentos com base em capital fixo de longo prazo, outro aspecto estava na incerteza de garantias nas transações econômicas, provenientes da impossibilidade da regulação estatal, tornando os atos compactuais demasiadamente dependentes, caracterizando essas negociações firmadas entre as partes subjetivas, pois os parâmetros prezados eram a confiança e a boa fé (COSTA, 2007).

As maiores evidências para as organizações não convencionais datam também para a década de 1970, devido à crise capitalista firmada nessa época, imergindo de uma economia informal à margem da ordem legalmente instituída, propiciando concepções adversas das organizacionais burocráticas padrão. Logo, essa nova possibilidade de estrutura organizacional vai se fortalecendo na medida em que as ações fiscalizadoras dos órgãos governamentais tornaram-se raras ou até ausentes (COSTA, 2007).

Arrighi (1996) complementa que conforme as novas possibilidades de reinvenção propícias pela crise fordista emergiram sistemas organizacionais mais flexíveis, formadas principalmente individualmente e/ou no núcleo familiar, estruturadas na produção de menores lotes e na fabricação artesanal, interagindo oportunamente em sistemas de troca no mercado informal. O desenvolvimento das organizações não convencionais manifesta-se através das contradições pelas regulamentações firmadas pelo governo, concentrando-se o foco para a normatização das atividades que agregavam maior renda, já as atividades que propiciavam de menor circulação monetária eram encaradas sem importância.

Referindo-se ao garimpo enquanto estrutura organizacional, esta foi se moldando numa organização dinâmica e singular de desenvolvimento, consolidando-se numa linguagem

própria e peculiar, estruturando todas as relações sociais existentes no garimpo através de preceitos éticos acordadas de forma não documentada, porém subtendida em consenso. A cultura organizacional do garimpo estabelece desde deveres e obrigações dos garimpeiros, as formas de gestão, da parcela cabível do ouro extraído a cada indivíduo, dos meios para o recrutamento, da delimitação territorial dos membros para a atividade e das relações com os compradores de ouro (COSTA, 2007).

Se de certa forma a estrutura organizacional do garimpo se fomenta na relação de cooperativismo entre os agentes envolvidos, pois pressupõe das relações de cumplicidades mútuas, porém de outro lado, há a insegurança gerada pelos contratos informais, potencializando atitudes oportunistas, reduzindo a confiança e elevando o grau de conflito na organização (COSTA, 2007).

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção foram detalhados os procedimentos metodológicos que orientaram esta pesquisa. A pesquisa teve cunho qualitativo se pautando no aspecto exploratório, usando os seguintes instrumentos: Entrevista semiestruturada, inspirada em história oral; e caderno de campo, sendo estes analisados a partir da análise de conteúdo. Utilizou-se também de registros fotográficos, este por último para a identificação da área estudada.

A abordagem qualitativa possui uma relação dinâmica entre o mundo e o sujeito. O ambiente natural é a fonte principal para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. A análise qualitativa depende de muitos elementos, como a natureza dos dados coletados, dos objetos de pesquisa, da extensão da amostra, e as conjecturas teóricas que orientam a investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O caráter exploratório tem o propósito de oportunizar mais informações sobre o assunto que será pesquisado, permitindo ao objeto-pesquisa definições e delineamentos, sendo assim, orienta a definição dos objetivos e dos processos de criação de hipóteses, bem como de propiciar novas percepções acerca do objeto de estudo. Assume, em geral, as formas de estudos de caso e de pesquisas bibliográficas (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Os dados obtidos de entrevistas semiestruturadas e livre compreende-se como passos importantes para análise qualitativa, pois essa ferramenta concebe desde a construção

do instrumento de coleta de dados ao entendimento do significado das falas dos sujeitos entrevistados, dentro da perspectiva teórica do pesquisador (ALVES; SILVA, 1992).

Considera-se história oral como uma prática de apreensão de narrativas feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato (MEIHY, 2005). Através dos séculos, o relato oral constituía sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer a maior fonte de dados para as ciências em geral (QUEIROZ, 1985).

Utilizado também em todo período do trabalho prático o caderno de campo que conforme (MEIHY, 2005) são notas que devem ser feitas logo após as entrevistas, descrevendo aspectos que possam ajudar futuramente, bem como as impressões e circunstâncias do encontro.

Para tanto, os resultados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados, estes citados acima, serão analisados seguindo a análise de conteúdo. O método de análise de conteúdo compõe-se de um conjunto de técnicas empregadas para a análise de dados qualitativos, ou seja, representa um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a procura pelo sentido ou dos sentidos de um documento (CAMPOS, 2004).

O registro fotográfico foi outra ferramenta utilizada nessa pesquisa como forma de validação e comprovação diante da dura realidade do garimpo em Antônio Pereira, sendo assim a fotografia possui grande relevância, pois segundo Guran (2012) a fotografia pode ser o ponto inicial para uma reflexão antropológica ou o resultado dessa reflexão, sendo eminentemente descritiva, ou seja, representando tudo o que é evidenciado em si, portanto não sofre prejuízo das suas dimensões simbólicas e opinativas.

As pessoas entrevistadas estavam diretamente ligadas ao garimpo de ouro na localidade estudada. Para coleta de informações fundamentais ao desenvolvimento do estudo proposto, optou-se por não se utilizar um questionário ou formulário antecipadamente elaborado, a entrevista foi encaminhada em tom informal, de modo a permitir uma maior liberdade, evitando assim qualquer bloqueio ou constrangimento dos entrevistados. Visto que se trata de sujeitos com identidades construídas socialmente em um ambiente muito específico. Foram permitidas algumas entrevistas gravadas, previamente de forma consensual, de maneira não documentada, porém sem identificação, sendo todas as entrevistas

posteriormente transcritas para a plataforma digital. Sendo as entrevistas concedidas nas seguintes datas:

Tabela 1: **Distribuição das entrevistas no garimpo de Antônio Pereira.**

<b>NOME (FICTÍCIO)</b>	<b>DATA 1</b>	<b>DATA 2</b>
José	27/11/2017	
Maria	27/11/2017	21/01/2018
Francisca	27/11/2017	
Geraldo	27/11/2017	
Inês	17/01/2018	
Jurandir	18/01/2018	
João	18/01/2018	
Elza	21/01/2018	
Joaquim	21/01/2018	

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Abaixo seguem as descrições dos aspectos metodológicos utilizados:

- **Observações de campo:** por meio de cinco idas cotidianamente ao local, dos dias 17/01 à 19/01/2018 e 22/01 à 23/01/2018, totalizando também cinco páginas de apontamentos, onde foram relatadas através do caderno de campo as observações de como é realizado o trabalho no garimpo, como se comportam na frente de lavra<sup>1</sup>, como são configuradas estas frentes, quais são as ameaças e dificuldades encontradas, quais características organizacionais apresentavam o garimpo, etc.
- **Depoimento informal de garimpeiros:** através de conversas informais, procurou-se descobrir a história dos garimpeiros e por quais motivos os mesmos encontravam-se no garimpo, informações sobre questões relativas ao seu trabalho, conflitos vivenciados e receios aos riscos da profissão.
- **Fotografias:** Foram feitas fotos do local e das ferramentas utilizadas no garimpo, algumas fotografias de frente da lavra em funcionamento só foram possíveis de longe para não identificação do garimpeiro e/ou na ausência dos mesmos, totalizando 33 fotos.

---

<sup>1</sup> Refere-se ao método de extração de rochas ou minerais da terra por sua remoção de um poço aberto ou de uma escavação (VIANA, 2007).



## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta etapa buscou-se relacionar os dados obtidos a partir das nove entrevistas semiestruturadas. Os respondentes são os abaixo descritos (os nomes são fictícios):

- José, veio com os seus familiares para Antônio Pereira à 35 anos atrás, sempre trabalhou depois de adulto nas mineradoras, era soldador industrial em uma empresa terceirizada contrata pela mineradora do ocorrido com a queda da barragem, garimpa a um ano juntamente com seu primo.
- Maria, viúva, mãe de cinco filhos, destes, dois são menores de idade, sobrevive com a aposentadoria do falecido esposo e com o extra do garimpo, foi dispensada do trabalho formal a dois anos de uma empresa de obra civil, contratada pela mineradora, trabalhava como armadora de ferros na mineração, é nascida e viveu toda sua vida em Antônio Pereira.
- Francisca, casada, veio com o esposo do estado de São Paulo com o propósito de garimpar, atendendo o desejo do esposo, está há um ano com o marido no garimpo e vivendo em Antônio Pereira.
- Geraldo, nascido e criado em Antônio Pereira, é amigado e tem dois filhos, trabalhava formalmente de mecânico industrial em uma das empresas mineradoras, sendo dispensado do trabalho logo após a queda da barragem.
- Inês, nascida na localidade, mãe solteira de três filhos, trabalhou por anos em Belo Horizonte - MG, porém retornou para Antônio Pereira, trabalhava como faxineira na mineradora, sendo dispensada do trabalho formal.
- Jurandir, nascido em Coroaci – MG, veio criança para Antônio Pereira, é divorciado e tem três filhos, há dois anos atrás foi demitido da mineradora, trabalhava formalmente nas funções de encanador, mecânico e caldeireiro industrial, o filho mais velho perdeu mais recentemente o emprego também na mineradora.
- João, solteiro e não tem filho, veio para Antônio Pereira junto com a família em 1978, toda vez que ficou desempregado recorreu ao garimpo.
- Elza, nascida em Ferros - MG, mas mora há 45 anos em Antônio Pereira, é casada e tem cinco filhos, é artesã, teve que largar o artesanato devido o esposo ser demitido da mineradora, tendo que o acompanhar no garimpo.

- Joaquim, nascido em São Domingos do Prata-MG, porém morou por um período em Belo Horizonte - MG e depois veio para Antônio Pereira, fazendo uma nova família, com três filhos, o seu filho mais velho de 16 anos o ajuda no garimpo. O Joaquim foi dispensado da mineradora onde trabalhava de eletricista industrial.

Em sua grande maioria os garimpeiros de Antônio Pereira são ex-funcionários das mineradoras ou de pessoas que diante da dificuldade para inserção ao trabalho buscam a alternativa de obtenção de renda proveniente do ouro. Grande é a precariedade das condições de trabalho vivenciada e o crescimento da prática garimpeira se intensifica de forma rápida sem nenhum respaldo técnico e tecnológico.

Através da análise de conteúdo, retirou-se as seguintes categorias: Conflitos sociais, Trabalho ilegal e Características organizacionais. O conflito social conceitua-se como sendo fenômenos que giram em torno de rivalidades em circunstâncias contrárias dos objetivos da sociedade, sendo assim, representa a disputa entre grupos com condutas distintas sobre um determinado assunto, tendo como panorama o modelo de desenvolvimento social de um grupo coletivo em particular (SANTOS, 2014).

Já o trabalho ilegal no Brasil é tratado na CLT e possui caráter criminoso, apesar de haver variedades de compreensões acerca do tema, decorrente das diversidades econômicas e culturais das regiões do país, sendo os contratos de trabalho julgados como injusto, ilegal e/ou informal. Por exemplo, o trabalho infantil pode ser democratizado como ilegal ou informal e até mesmo nem sendo declarado como forma de trabalho em determinada localidade no país (NORONHA, 2003).

Já as características organizacionais são os traços identificáveis de uma determinada entidade ou adquire de forma própria pela sua cultura, e que através da análise interna desta é possível vislumbrar a sua estrutura, bem como das inter-relações entre os sujeitos envolvidos e as funções que os mesmos ocupam, evidenciando assim, a hierarquia, os comportamentos, os níveis de tomada de decisão, bem como outros fundamentos, sendo particular e único a cada organização (SCHULTZ, 2016).

#### **4.1 Conflitos Sociais**

Os conflitos sociais na comunidade de Antônio Pereira é algo intrínseco e peculiar, sendo a atividade garimpeira reflexo desses inúmeros conflitos. Um dos efeitos sentidos é a

desigualdade social, está na perspectiva da alta dependência dos moradores com a demanda dos serviços ofertados pelas mineradoras e da falta de alternativas para o trabalho em outros segmentos não minerários, pois não há outras estruturas bem consolidadas fomentadoras de emprego na região, sendo assim, com as sazonalidades de demissões, esta intensificada com a queda da barragem da mineradora, são notórias na fala de Ribeiro (2013) os sentimentos nos garimpeiros de abandono e desproteção social, sendo assim necessária a reinvenção para a sobrevivência, esta formada diante das poucas possibilidades existentes, alinhando-se então ao garimpo, sendo perceptível nas seguintes falas dos entrevistados:

Minha vida foi toda aqui, fui criado aqui, tem mais de 35 anos que minha família veio pra cá, e desde 95 que trabalho nas mineradoras da região, estudei e ajudei meus pais, nós da minha família sempre dependemos das empresas mineradoras, mesmo com a falta de emprego hoje, não penso em sair daqui pra ir pra outro lugar, pois aqui é minha terra, onde mora meus parentes (José, 2017).

A minha vida foi sempre trabalho, aqui as coisas sempre foi difícil pra gente, eu sou viúva e garimpo para o sustento de minha família, recebo a pensão do meu marido, é só 1 salário mínimo e não dá pra muita coisa, vai fazer 2 anos que não tem empresas contratando, quando eu não estou fichada eu estou no garimpo, não aguento ficar sem ganhar uns trocados à mais, preciso de uma renda extra [...] (Maria, 2017).

Eu sou nascida aqui, sou mãe solteira de 3 filhos, por muitos anos trabalhei em Belo Horizonte, mas trabalhava na mineração. Até ano passado eu estava fixada e não tô tendo opção nesse momento. Hoje estou apenas fazendo *prova*, porque a água está pouca, está difícil porque já tem barragens prontas acima e a água aqui em baixo está ruim [...] (Inês, 2018).

São evidentes que as empresas mineradoras conseguem aferir lucros altíssimos diante das enormes quantidades minerais extraídas, obtendo assim uma elevada acumulação do capital, que conforme Weber (1976) pontua sendo umas das características primordiais do capitalismo. Coggiola (2015) fala que as empresas são as mais afortunadas, porque conseguem pelo capital monopolizar determinados mercados, e aplicando-se ao contexto local, percebe-se que as mineradoras são as mais apoderadas da relação empresa/comunidade, sendo as mineradoras o agente superavitário nesse elo, pois além de monopolizar determinados mercados, alcança também nos moradores uma alta dependência pela

continuidade desse vínculo. Na verdade, essa dependência segundo Lijterman (2017) só foi propícia pelo sistema capitalista, em que a sociedade como num todo passou a exaltar os setores que conseguiam concentrar maiores quantidades de capital, fazendo com que os desprovidos de capital fossem marginalizados. Todos os nove garimpeiros entrevistados alegaram o retorno imediato às mineradoras diante da possibilidade de contratação pelas mesmas e visão positiva da importância destas, sendo demonstrado nas seguintes falas:

[...] se me chamar eu vou. Meu filho saiu de lá ontem, ele falou que a moça do serviço dele falou pra mim mandar o meu curriculum por e-mail, mas eu não entendo disso (Jurandir, 2018).

[...] trabalho autônomo é ruim, fixado quando você adoce a gente consegue afastar pelo INSS. Aqui não tem garantia nenhuma (Geraldo, 2017).

[...] você estando fichado, você tem mais condições, aqui tem friagem, lá você tem seu salário [...] (Maria, 2017).

Outro aspecto que contribui para a desigualdade social dos garimpeiros de Antônio Pereira foi analisado segundo o discurso de Ribeiro (2013), em que a marginalização por esse tipo de grupo foi se estabelecendo na medida em que houve a inserção do capitalismo industrial na Mineração. Sendo percebíveis algumas lacunas na fala de Matta (2006) no âmbito da capacitação profissional que propicia o surgimento dos garimpos clandestinos, pois apesar de Antônio Pereira está próximo aos centros universitários, tais como, UFOP e de centros profissionalizantes na cidade de Mariana, a maioria dos entrevistados não possuía nem o ensino médio completo e as profissões conquistadas pelos garimpeiros estavam atreladas unicamente as das funções obtidas nas indústrias de mineração, como: encanador, mecânico, caldeireiro e eletricitista industrial, e outras específicas minerárias, sendo assim na ausência de trabalhos na mineração, os mesmos sentem dificuldades para trabalho em outras organizações de distintos segmentos, optando assim para o garimpo.

O local intensificado pelo garimpo nesses dois anos da queda da barragem está situado próximo às moradias (Figura 2), descaracterizando e desvalorizando o local, podendo gerar outros problemas como, por exemplo, o incentivo ao trabalho infantil, correspondendo-se da diante observação: “[...] Como esse garimpo é próximo à comunidade muitas crianças ficam brincando ao redor do local, tornou-se algo normal e necessário tal prática. Na hora

*do almoço o fluxo de pessoas é intensificado, em que moças e crianças levam as refeições para alguns dos garimpeiros [...]” (Caderno de campo, 17/01/2018). Sendo o trabalho infantil propriamente presenciado na seguinte passagem: “[...] em conversa com uma das garimpeiras (Maria), que estava no local com seu filho de 14 anos, ela alegou que ele estuda e que está no garimpo devido o adolescente estar de férias da escola, justificando a responsabilidade que ele deve ter para comprar o seu próprio material escolar[...]” (Caderno de campo, 18/01/2018).*

Figura 1: **Imagem do garimpo próximo às residências em Antônio Pereira.**



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)

Sendo o trabalho parental e infantil no garimpo julgado por Ribeiro (2013) como trabalho informal, portanto os próprios pais são os principais estimuladores para o trabalho infantil no garimpo, sendo observável na seguinte fala do garimpeiro:

[...] Eu apuro mais em casa, na verdade peço meu menino pra apurar pra mim, porque é ruim de mais, dói de mais a coluna, quando ele não está lá eu até que apuro bem devagar, mas ele tem mais costume, é mais rápido. (Joaquim, 2018).

Muitos jovens por viverem nessa realidade conflitante e sem o aparato familiar, o garimpo tem uma elevada valorização, sendo este o refúgio das responsabilidades cabíveis aos pais sendo transferido para os filhos, devido a problemas financeiros familiares, sendo perceptível na análise de campo: “[...] *Constatei também um adolescente de 17 anos e ao abordá-lo perguntando se era menor de idade, o mesmo afirmou positivamente, já garimpa desde os 15 anos e que não estuda mais, questionado o porquê de não estudar, o mesmo respondeu que é devido ele precisar trabalhar para comprar sua roupa e tênis, que sua mãe não pode comprar pra ele e que seu pai está preso [...]*” (Caderno de campo, 17/01/2018).

## 4.2 Trabalho Ilegal

Como o trabalho do garimpo em Antônio Pereira foi fomentado com bases em interesses individuais, justificado pela urgente necessidade de obtenção de renda diante da alta taxa de desemprego, não houve tentativas para a regulamentação da atividade, formando-se então, numa realidade informal. Todos os indivíduos entrevistados alegaram conhecimento dessa situação, sendo perceptível o receio nas seguintes falas:

Tenho medo do meio Ambiente, eles falam que o garimpo pelas leis do país não foi legalizado, que não foi liberado pela polícia Federal. Tem uns garimpos que se salvam, pois são legais (José, 2017).

[...] quando os outros colegas falam que a florestal está descendo, a gente sai fora, eu fico até em casa pra evitar esses caras. Teve um dia desses que passou um Drone sobrevoando aqui, aí tivemos que nos abaixar para tentar esconder (Geraldo, 2017).

Tenho medo sim, tem dia que temos que sair correndo, porque o florestal vem, aí eles dá multa de 10 à 15 mil reais, eles vem e toma tudo, todas as nossas ferramentas (Maria, 2017).

O receio da fiscalização pelos órgãos públicos é enorme que muitos dos garimpeiros trabalhavam em outros períodos para evitar qualquer tipo de contato sendo palpável em: “*No período da tarde percebo que há uma diminuição da quantidade dos garimpeiros na região, e*

*perguntado a um garimpeiro aleatoriamente os motivos da diminuição de pessoas, o mesmo alegou que é devido à fiscalização da Polícia que acontece com maior frequência no período da tarde” (Caderno de campo, 18/01/2018).*

Se de um lado há os receosos pela prática do garimpo em Antônio Pereira, do outro lado há os desafiadores, que conforme Ribeiro (2013) possui o sentimento de desobediência em virtude da desproteção social pela legislação brasileira e dos empreendimentos minerários, sendo claro nas seguintes falas:

A federal já veio aqui antes, na época ela parou, mas a gente voltou, todo mundo continuou, porque todo mundo estava desempregado, no dia que eles veio prender os trens, a gente falou que pode levar, a não ser que arruma serviço pra nós (Jurandir, 2018).

Tenho medo não. Se eu não trabalhar morro de fome (João, 2018).

Nesse ambiente de incerteza e desconfiança geradas pela ilegalidade, qualquer indivíduo não pertencente ao grupo de garimpeiros é encarado como uma possível ameaça, sendo notável na seguinte alocução: *“Cheguei nessa região às 08:45, onde há a prática do garimpo avistei poucos garimpeiros, mas ao adentrar na área percebi uma maior quantidade de pessoas, totalizando 32. Percebo um estranhamento dos garimpeiros para comigo, acredito ser devido ao receio da atividade realizada ser ilegal [...]”*(Caderno de campo, 17/01/2018). Sendo também percebido pela entrevistada número 3 que era de outro estado brasileiro:

Eu já cheguei garimpando, quando chegamos todos ficaram desconfiados, acharam que nós eramos da Polícia florestal, mas no mesmo dia já fizemos as *bicas* (Figura 3) e *caixotes* (Figura 4), fizemos amizades com os demais garimpeiros (Francisca, 2017).

Figura 2: Imagem de uma *Bica* no garimpo.



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)

Figura 3: Imagem de um *Caixote* no garimpo.



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)



Outro Aspecto que faz com que o garimpo se torne ilegal, está no uso do Mercúrio para apurar o ouro, sendo uma substância química altamente contaminante dos rios e solos, este problema evidenciado também por Costa (2007) e percebida em: “[...] *sobre o uso do Azougue muitos falam que usam em casa, enquanto outros que usam esse mercúrio no rio mesmo, que é apenas nos finais de semana para apurar o ouro, todos sabem da proibição do uso desse componente químico, mas eles acreditam ser a única solução [...]*” (Caderno de campo 19/01/2018), sendo revelado também o uso deste pelos garimpeiros em:

[...] termina de apurar em casa com AZOUGUE, que é um mercúrio proibido, mas só que não tem como apurar sem o mercúrio, nós compramos pela internet ou até mesmo com os garimpeiros lá (José, 2017).

[...] nós recolhemos tudo e apuramos só no sábado na casa do meu colega. E para apurar nós usamos o mercúrio, não é aqui no rio não (João, 2018).

### **4.3 Características Organizacionais**

#### **4.3.1 Estrutura organizacional**

Primeiramente, a estrutura organizacional do garimpo em Antônio Pereira possui em sua composição fortes traços de núcleos familiares, que conforme Arrighi (1996) são esses traços que determinam as características preponderantes para o surgimento de organizações não convencionais, sendo perceptível nas falas dos indivíduos esse elo parental:

[...] meu esposo está desempregado, aí nos fomos tirar ouro. Eu não podia deixar meu esposo sozinho, lá não vejo também ninguém trabalhando sozinho, é sempre 2 ou mais (Elza, 2018).

Cheguei por informação de meu primo, ele veio primeiro e me chamou, conseguimos uma renda extra aqui (José, 2017).

Através do meu esposo eu caí aqui por acaso, ele tinha o interesse de garimpar e nós tivemos informações que Mariana e Ouro Preto havia ouro e garimpos e aqui chegamos (Francisca, 2017).

Outro aspecto peculiar característico dessa estrutura organizacional garimpeira está na criação interna das normas e preceitos a serem seguidos por todos os envolvidos no garimpo, que segundo Costa (2007) essas normas criadas não são documentadas, mas sim subtendida em consenso, portanto esses acordos firmam-se pela confiança mútua, presando pelo respeito e inviolabilidade enquanto ao local individual de cada garimpeiro e da armazenagem das ferramentas (Figura 5) e demais procedimentos.

Figura 4: Armazenamento individual de ferramentas.



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)

#### 4.3.2 Conflitos Interpessoais

Para a obtenção dessa confiança inúmeros conflitos interpessoais são presenciados, mediante a busca de controle e dominação do garimpo, que ainda conforme Costa (2007), essa confiança é abalada diante da insegurança ocasionada pelos contratos verbais, em que pode intensificar atitudes oportunistas, aumentando o grau de conflitos na organização, sendo evidenciado na resposta da garimpeira ao ser questionada da existência de conflitos no garimpo:

Há sim, principalmente no local onde está com mais gente, na área mais próxima ao campo, porque a água lá não é muita, e eles querem colocar tudo próximo um do outro, aí um não deixa colocar, aí fica com raiva, arruma briga, lá já teve muitas discussões (Elza, 2018).

### 4.3.3 Subcontratação e relação de poder

Há o agravante relacionado com os faturamentos do ouro que dependem praticamente da sorte para obtenção de altos lucros, pois o mineral segundo relato dos garimpeiros pode ser encontrado independentemente de se trabalhar muito ou pouco, sendo evidenciado nas seguintes falas:

É um serviço muito trabalhoso, muito sofrido, é um quebra-galho, apenas serve pra suprir as necessidades básicas, por exemplo: tem semanas que conseguimos tirar 11 gramas, porém há semana que é só 2 gramas, eu cheguei sozinha a tirar em uma semana apenas 10 décimos. Não é fácil! (Francisca, 2017).

[...] fica o dia inteiro pra ganhar R\$ 10,00. Tem mais de ano que da mais ou menos isso (Jurandir, 2018).

O ouro que a gente tira e vende, poder comprar algumas coisas, pagar algumas contas, só que ultimamente nem conta eu estou conseguindo pagar mais (João, 2018).

Diante dessa realidade aflorasse os comportamentos oportunistas, sendo perceptível diante do controle territorial do garimpo que é algo peculiar em Antônio Pereira, onde o local central de exploração sofre controle direito de dois garimpeiros identificados pelos demais como sócios, sendo estes indivíduos subcontratando mão de obra adolescente, diante da vulnerabilidade dos menores e da incerteza da obtenção de capital pela atividade garimpeira citadas acima, sendo palpável na seguinte análise: “[...] *Os dois sócios iniciais contratam jovens para prestarem serviços à eles, não é registrado, é um acordo verbal onde cada colaborar deverá lavar 60 carinhos de materiais por dia e em contrapartida recebem R\$ 50,00[...]*” (Caderno de campo, 19/01/2018). Tal constatação possível devida o local controlado pelos sócios conseguir extrair maiores quantidade de ouro que em outros lugares conforme constatado com os garimpeiros, sendo visível em: “[...] *Em conversa informal 1*

*garimpeiro especulou que na semana do natal os sócios conseguiram 64 gramas de ouro [...]” (Caderno de campo, 19/01/2018).*

#### **4.3.4 Comercialização**

Apesar das quantidades aferidas pelos sócios, o lucro na venda do ouro por eles e pelos demais garimpeiros não é potencializado devido ao limitador das negociações serem regionais, notável em: “[...] *Questionei a um garimpeiro aletoriamente de como é realizado a venda do ouro, e ele me respondeu que é comum os garimpeiros vender semanalmente ou quinzenalmente o ouro recolhido, que antigamente não existiam compradores na localidade, apenas em Mariana, mas que agora Antônio Pereira já possui, que o valor ofertado por aqui não acompanha a real cotação do ouro, que o preço da grama é vendida em torno de R\$ 105 à R\$ 108 [...]” (Caderno de campo 22/01/2018).*

#### **4.3.4 Perfil profissional**

Outra característica organizacional perceptível está subtendida pelas experiências dos garimpeiros nas empresas mineradoras e trazida para o garimpo, quanto ao compromisso e assiduidade ao trabalho, pois como a qualquer outro trabalho formal as exigências para cumprir a carga horária de trabalho são fatores fundamentais para a permanência nas organizações, tornando-se valorizado também no garimpo, sendo a pontualidade e as tarefas diárias verificada nas seguintes falas:

Venho de segunda à sexta, eu trabalho pra mim mesma, de 05:30 às 13:00 horas. Chegando no local aí tenho que fazer material, tem que cavar ele (Figura 6), porque lá o material é muito duro, todo dia a gente faz a mesma coisa, tira de lá o material no carrinho e leva na bica pra lavar, na bica tem o carpete que armazena o ouro, todo dia a gente traz e leva o carpete... Aí no final do dia a gente lava, bate o carpete no carinho, esse material lavado apura na bateia (Figura 7) (Maria, 2017).

Levanto 05h30 todo o dia, mas como tenho que fazer café, chego aqui é 6 horas. Venho de segunda a sábado e não falto nenhum dia porque tenho meus meninos pra cuidar. Eu já chego, monto as *bicas*, todo o dia a gente tira ela pra enchente não levar ela embora, boto o carpete na bica, o carpete fica amarrado na *bica*, aí coloca a bica embaixo do *caixote*. A gente vai tirando o *material* ali e jogando aqui na *bica*, e a terra que fica sobrando a gente limpa. Nós pegamos *material* ali na frente. Aqui é o dia inteiro (Jurandir, 2018).

Venho de segunda a sábado. Vem eu e meu colega, mas cada um tira o seu ouro, essa *bica* aqui é minha e a outra é dele. A *barragem* (Figura 8) nós mantemos ela em conjunto (João, 2018).

Figura 5: Um dos locais de perfuração para a retirada de *material* para o garimpo.



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)

Figura 6: Imagem de um carrinho de mão e bateia no garimpo.



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)

Figura 7: **Imagem de uma Barragem no garimpo.**



Fonte: Registros do pesquisador. (2018)

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo identificar traços organizacionais na atividade garimpeira, bem como de elementos estudados na administração, tais como: subcontratação, relação de poder, conflitos interpessoais, dentre outros, sendo possível então a percepção das características próprias de sua cultura organizacional, bem como de alguns atributos adquiridos das empresas convencionais, em especialmente a das mineradoras, por ter uma relação muito próxima com a comunidade.

A partir das entrevistas foi possível constatar o quão árduo é a atividade garimpeira, sendo esta marginalizada diante da precariedade do trabalho e pelo distanciamento dos órgãos públicos. Muitos são os desafios identificados no garimpo. Por um lado, são evidenciados problemas sérios na região no aspecto de formação de postos de trabalhos formais, diante do desemprego assolado pela queda da barragem. Por outro lado, eles sofrem desafios internos,

pois como o garimpo não é regulamentado surgem atitudes oportunistas entre os próprios garimpeiros, estabelecendo-se numa relação de poder e conflito.

Antônio Pereira traz intrínseco reflexos do abandono das empresas mineradoras, que prezam pela extração dos recursos naturais, pelo lucro desmedido e descompromissado com as comunidades ao seu entorno, e devido a essa triste realidade são traçados e delimitados a condição social de seus moradores, despertando ao sentimento de desproteção, acomodação e de perspectivas limitadas para o futuro.

Os resultados deste estudo apontaram que a permanência do garimpo nestas condições em Antônio Pereira que já possui um crescimento exponencial de forma desordenada, requer grandes esforços dos órgãos públicos para com a normatização do garimpo e, principalmente, da conscientização e articulação organizada dos garimpeiros, para o desenvolvimento da prática extrativista em consonância com a preservação ambiental e paisagista do local.

Na questão da proteção ambiental é importantíssima a fiscalização, pois além do esgoto da comunidade que já é jogado no rio, o garimpo também contribui com o aumento da turbidez da água mediante a lavagem do material e também do descarte do mercúrio, tendo assim a contaminação e perda da qualidade da água.

Ouro Preto é uma cidade com muitos distritos e com muitas demandas, o que dificulta uma atenção específica para Antônio Pereira pelos órgãos gestores, mesmo recebendo os royalties da mineração pelas empresas mineradoras. Diante disso, seria de fundamental importância uma organização mais eficiente dos garimpeiros em conjunto com a população, identificando pessoas específicas do garimpo para representação diante ao município para busca de resultados mais satisfatórios para a causa e para a comunidade.

Outra questão cabível aos órgãos públicos está no combate ao trabalho infantil, devendo tal prática ser coibida diante dos esforços em conscientizar a comunidade para a importância da educação, enfatizando campanhas que apoiam os jovens a ingressar nos centros de formação profissional e universitária.

O estímulo para a formação de lideranças na comunidade de Antônio Pereira é outro fator a ser cultivado, pois assim, estratégias de desenvolvimento local poderiam ser afluídas com intuito de estabelecer uma menor dependência com as empresas mineradoras e com a prática do garimpo.



Espera-se que este trabalho ajude a evidenciar a realidade dos garimpeiros de Antônio Pereira, bem como incentiva-los para a busca da regulamentação e capacitação, visando equilibrar as relações de trabalho e a busca de tecnologias e mecanismos que causem menos danos ao meio ambiente, preservando as características históricas e naturais do distrito.

Sugere-se como futuros estudos, novas pesquisas que retratem sobre a organização do garimpo do Topázio Imperial em Antônio Pereira, este também sendo ilegal e uma prática recorrente que mudou drasticamente a paisagem natural de outra área da comunidade, e demais outros estudos são válidos, pois quanto mais pesquisas, mais conhecimento sobre a realidade do distrito são evidenciadas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, fev./jul. 1992.

ARRIGHI, G. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1996.

BOEHS, C. G. E.; SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. Organizações formais e sua contraparte: as organizações sociais e uma reflexão/desconstrução a partir da dimensão da racionalidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. Anais-Fortaleza: **SBE**, Fortaleza, p. 447-468, 2013.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n.5, p.611-4, set./out. 2004.

COGGIOLA, O. **História do Capitalismo: Das origens até a Primeira Guerra Mundial**. 2. ed. São Paulo: p. 935, 2015.

COSTA, L. R. Os garimpos Clandestinos de ouro em Minas Gerais e no Brasil: tradição e mudança. **História & Perspectivas**. Uberlândia, n. 36-37, p. 247-279, jan./dez. 2007.

COSTA, M. S. Relações de trabalho e os regimes contemporâneos de emprego na Espanha e no Brasil: um breve paralelo. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 17, n. 54, p. 499-525, 2010.



GEORGES, R. A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras. OXFAM Brasil. Brief comunicação, 25 set. 2017. Disponível em: <[https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio\\_A\\_distancia\\_que\\_nos\\_une.pdf](https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf)>. Acesso em: 22/04/2018.

GURAN, M. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica: Notas e Reflexões**. XII prêmio Funarte Marc Ferrez de fotografia, p. 116, 2012.

IBGE. **Trabalho informal faz desemprego cair**. Estatísticas Econômicas, 31 de ago. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16155-trabalho-informal-faz-desemprego-cair.html>>. Acesso em: 22/04/2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEMAS E METAIS PRECIOSOS. Políticas e Ações para a Cadeia Produtiva de Gemas e Jóias. Brasília: Brisa, p. 116, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO. **Mineração & meio ambiente**. 126p. Brasília: IBRAM, 1992.

LIJTERMAN, E. **Heterogeneidad estructural y segmentacion de mercados: La informalidade como campo de discusión en el contexto de emergência del concepto. Yuxtaposiciones entre problemas de empleo y de pobreza**. Santiago del Estero: jun. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1514-68712017000200020&lang=pt](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712017000200020&lang=pt)>. Acesso em: 18/04/2018.

LIMA, T. B.; CAVALCANTE, K. O.; COSTA, M. S. **Informalidade: escolha ou falta de opção? Um estudo no Mercado Terceirão de João Pessoa/PB**. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 3. 2011, João Pessoa. Anais eletrônicos. João Pessoa: ANPAD, 2011. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2011\\_ENGPR110.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2011_ENGPR110.pdf)> acesso em 24/03/2018.

MARTINS, M. L. A Arte de fabricar motins: **Os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica**. Pedro Leopoldo: VIII Encontro Regional Gestão & Tecnologia, p. 76, 2008.

MATITZ, Q. R. S.; VIZEU, F. Construção e uso de conceitos em estudos organizacionais: por uma perspectiva social e histórica. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2. mar./apr. 2012.

MATTA, P. M. **O Garimpo na Chapada Diamantina e seus impactos ambientais: uma visão histórica e suas perspectivas futuras**. 2006. p. 212. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana) – Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2006.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEYER, J. **Les Capitalisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

MIRANDA, J. G.; CIPRIANI, M.; MÁRTIRES, R. A. C.; GIACONI, W. J. **Atividades garimpeiras no Brasil**: aspectos técnicos, econômicos e sociais. Rio de Janeiro, p. 61, 1997.

NORONHA, E. G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 18, n. 53, out./2003.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2005.

OURO PRETO. **Antônio Pereira**. Disponível em:<  
<http://www.ouropreto.com.br/distritos/antonio-pereira>>. Acesso em 04/02/2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Universidade FeeVale, 2. ed. Novo Hamburgo: 2013.

QUEIROZ, A. A. Reforma Trabalhista e seus reflexos sobre os trabalhadores e suas entidades representativas. **DIAP**. Brasília: Série Educação política, 2017.

QUEIROZ, M. I. P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. **Coleção TEXTOS**. São Paulo, CERU e FFLCH / USP, 1985.

RAMOS, A. G. **A Nova Ciência das Organizações**. Tradução de May Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, p. 210, 1989.

RIBEIRO, L. Cativos do Diamante. Etnoarqueologia, Garimpo e Capitalismo. **Revista Espinhaço**, Minas Gerais, p. 153-167, 2013.

SANTOS, L. B. O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum**, Belém: v.9, n.2, p. 541-553, mai./ago. 2014.

SARMENTO, D. M. **A Propriedade Mineral Segundo o Regime Res Nullius vigente no Brasil**. Rio de Janeiro: Dir. adm, 1976.

SCHULTZ, G. **Introdução à gestão de organizações**. Porto Alegre: ed. UFRGS, p. 159. 2016.

SOUZA, L. M. **Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

VIANA, M. B. **Licenciamento ambiental de minerações em Minas Gerais: novas abordagens de gestão**. 305p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB, Brasília, 2007.

VIZEU, F. (Re)contando a velha história: reflexões sobre a gênese do *management*. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 780-797, set./out. 2010.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1976.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista



**Universidade Federal de Ouro Preto**  
**Instituto de Ciências Sociais Aplicadas**  
**Curso de Administração**

**UFOP**

**Roteiro de Entrevista – Trabalho de Conclusão de Curso**

Dada da entrevista: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Hora início: \_\_\_\_\_ Hora término: \_\_\_\_\_

- 1 – Conte-me sobre a sua vida.
- 2 – Como você chegou ao garimpo?
- 3 – Como você vê o garimpo?
- 4 – Como é a sua rotina de trabalho no garimpo?
- 5 – Como vocês se organizam no trabalho? Qualquer pessoa pode garimpar nessa região?
- 6 – Você sente algum medo e/ou receio no garimpo?
- 7 – O que o garimpo te proporciona de bom?
- 8 – Com a retomada dos empregos nas mineradoras. Você largaria o garimpo

## APÊNDICE B – Roteiro do Caderno de Campo



**Universidade Federal de Ouro Preto**

**Instituto de Ciências Sociais Aplicadas**

**Curso de Administração**

**Roteiro do Caderno de Campo – Trabalho de Conclusão de Curso**

Dada da observação: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Sujeitos observados: \_\_\_\_\_

Início da observação: \_\_\_\_\_ Término da observação: \_\_\_\_\_

Apontamentos:

---

---

---

---

## DECLARAÇÃO

Certifico que o aluno **Girressi Lúcio da Silva**, autor do trabalho de conclusão de curso intitulado “**OURO E O TOLO: REFLEXÕES SOBRE ATIVIDADE DE GARIMPO EM ANTÔNIO PEREIRA – MG**”, realizou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.



---

**Professora DSc. Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão**  
**Orientadora**

Mariana, 19 de julho de 2018.